

Verbos copulativos com locativos em Português Europeu e em Língua Gestual Portuguesa¹

Celda Morgado & Ana Maria Brito

Abstract

Verbs and their syntactic and semantic properties have been studied in several languages, in different theoretical frameworks. However, as for copulative verbs, studies of Sign Languages are still scarce, mainly of Portuguese Sign Language. Therefore, in this paper, some properties of predicative phrases with adjectives, participles and locatives in European Portuguese and Portuguese Sign Language are studied, comparing them with other Oral Languages, in particular Iberian Romance languages, and also with other Sign Languages. Portuguese Sign Language data seem to indicate that the copulative verb is lexically realized when there is a locative predicate and that with a non-locative predicate a null copula occurs.

Keywords: copulative verbs, European Portuguese, Sign Languages, Portuguese Sign Language.

Palavras-chave: verbos copulativos, Português Europeu, Línguas Gestuais, Língua Gestual Portuguesa.

1. Introdução

Os verbos copulativos ou de ligação, também chamados predicativos, têm tido a atenção de gramáticos e linguistas desde há vários séculos. A sua designação é motivo de alguma oscilação precisamente porque os autores valorizam uma determinada propriedade em detrimento de outra. No entanto, de modo geral, todos os gramáticos e linguistas estão de acordo em que tais verbos não apresentam propriedades de seleção categorial e temática similar aos outros verbos e veiculam um significado que pode ser considerado aspetual.

Além de poderem ser seguidos de predicados adjetivais e participiais, alguns verbos copulativos podem introduzir predicados locativos espaciais, constituídos por SP ou por advérbios locativos, podendo, desde logo, colocar-se a questão de terem aí um estatuto um pouco diferente.

Mas se tais verbos foram analisados em várias línguas orais (LO), a verdade é que eles estão menos estudados nas línguas gestuais (LG), nomeadamente na Língua Gestual Portuguesa (LGP)².

Assim, o objetivo central deste trabalho é estudar as propriedades de frases predicativas com predicados adjetivais / participiais e locativos na Língua Gestual Portuguesa, comparando-as com algumas LO, em particular as línguas românicas ibéricas, e também com outras LG, por exemplo a Língua de Sinais Americana (ASL), a Língua de Sinais Espanhola (ESL) e a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS).

Para concretizar tal objetivo, o trabalho está organizado da seguinte maneira: em 2. faremos uma caracterização dos verbos copulativos/ predicativos em LO, com especial incidência em Português e Espanhol,

¹ Esta artigo parte da comunicação apresentada no XXXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, realizado na Universidade do Minho nos dias 9-11 de outubro de 2019.

² Os termos 'línguas de sinais' e 'línguas gestuais' coabitam para designar as várias línguas manuomotoras e visuoespaciais do mundo. Conscientes de uma simultaneidade dos termos e do grande debate em torno da designação destas línguas, não entraremos nessa discussão conceitual e teórica e utilizaremos, neste texto, o termo "gestual" para designar estas línguas, no geral, e a Língua Gestual Portuguesa, em particular, uma vez que este foi o termo adotado pela Comunidade Surda e utilizado nos documentos normativos e na Constituição da República Portuguesa.



línguas que têm a oposição entre *ser* e *estar*; em 3. apresentaremos algumas considerações teóricas sobre verbos predicativos; em 4. estudaremos o comportamento destes verbos em LGP com base em duas recolhas de produções e discutiremos os seus resultados; em 5. discutiremos algumas questões teóricas com construções predicativas em várias Línguas Gestuais, comparando-as com os dados das Línguas Orais. Seguidamente, enunciaremos as principais conclusões e, no final, apresentamos a bibliografia.

2. Propriedades gerais dos verbos copulativos *ser*, *estar*, *ficarem* Português e Espanhol

Como é sabido, os verbos copulativos, ou de ligação, não têm propriedades de seleção categorial e temática similares aos outros verbos, pois é o predicado (pertencente a várias categorias sintáticas) que parece ser o elemento determinante para a escolha do sujeito frásico, daí a sua designação de verbos predicativos³.

No entanto, nem todas as LO do mundo dispõem dos verbos *ser*, *estar* e *ficar* com propriedades predicativas e de outros verbos similares. Uma comparação rápida mostra-nos, desde logo, que há várias soluções para a expressão do verbo *ser*, *être*, *to be* (cf., entre outros, Benveniste, 1966; Rouveret, 1998; Stassen, 2013):

- a construção de uma frase dita nominal, com justaposição de dois termos, sem verbo expresso: é o caso do russo e do húngaro (embora o russo exprima a cópula em certas circunstâncias, como veremos adiante);

- a construção de uma frase dita nominal com inserção de um pronome em função de cópula, servindo de sinal de asserção (árabe, hebreu, turco);

- uma construção verbal, utilizando uma forma verbal diferente daquela que expressa a existência; no irlandês, a cópula *is* opõe-se ao verbo de existência *tá*;

- a generalização de uma raiz *es-, quer com função de cópula, quer como verbo de existência, solução encontrada na maioria das línguas indo-europeias, em especial as românicas (para esta apresentação, ver de novo Rouveret, 1998).

Além disso, as línguas românicas ibéricas, e o português em particular, para além de terem um pequeno leque de verbos predicativos, com valores aspetuais diferenciados (como *ficar*, *permanecer*, *andar*, *tornar-se*, *parecer*...), dispõem da oposição entre *ser* e *estar*, dois verbos copulativos que introduzem, respetivamente, predicados de indivíduo (“individual predicates”, em Carlson, 1977, Milsark, 1977, Kratzer, 1989, ou predicados estáveis, em Cunha, 2013, p. 598), como em (1); e predicados de estágio (“stage level predicates”, em Carlson, 1977, Milsark, 1977, Kratzer, 1989, ou predicados episódicos, como em Cunha, 2013, p. 598), como em (2):

- (1) A Maria é inteligente.
- (2) A Maria está cansada.

³Como Rouveret (1998) sintetiza na introdução a um volume por si organizado sobre estas questões, muitos filósofos e linguistas reconhecem que os verbos copulativos, em particular *ser*, *to be*, *être* e seus similares noutras línguas têm valores distintos do ponto de vista semântico e lógico: um valor identificacional, como no célebre exemplo (i), de Frege:

- (i)(a) A estrela da manhã é Vénus.
- (b) Vénus é a estrela da manhã.

Um valor predicativo, como em (ii), continuando com Frege:

- (ii) A estrela da manhã é um planeta.

E o mesmo V pode ter ainda um valor de existência, como em (iii):

- (iii) Deus é.

Neste trabalho apenas vamos tratar do *ser* e *estar* predicativo.



Quanto a *ficar*, trata-se de um verbo que também seleciona predicados de estádio, quer adjetivais, quer participiais, mas sempre associado a uma mudança de estado e a um significado resultativo, como em (3) e (4).

(3) A Maria ficou triste.

(4) A Maria ficou irritada.

Além disso, em Português Europeu (PE) e em Espanhol, os verbos *estar* e *ficar* introduzem, ainda, predicados locativos espaciais, constituídos por SP tipicamente introduzidos pela preposição *em*, ou por advérbios locativos, *aqui*, *lá*, *além*, *longe*, *perto*, como os exemplos (5) a (10) ilustram.

(5) A Maria está em casa.

(6) O caderno está em cima da secretária.

(7) Os meus filhos estão lá/aqui / longe / perto.

(8) A Maria ficou em casa.

(9) O caderno ficou em cima da secretária.

(10) Os meus filhos ficaram lá / longe.

Sabemos também que, para introduzir um predicado locativo espacial, o PE faz uma diferença entre a natureza da entidade em causa: se a entidade é fixa ou se a entidade é móvel, não se usando o verbo *estar* para uma entidade fixa e usando, nessa situação, o verbo *ficar* ou *ser* (Duarte 2003, p. 540, Brucart 2012, p. 14, Duarte 2013, Raposo 2013). Nesse caso, o locativo é encarado como um predicado de indivíduo e daí o uso de *ser* (compare-se (12) com *A Torre dos Clérigos está no Porto).

(11) A Torre dos Clérigos fica no Porto.

(12) A Torre dos Clérigos é no Porto (aceitável sobretudo num enunciado com valor contrastivo como em *A torre dos Clérigos é no Porto, não em Lisboa*).

(13) A Maria está no Porto.

(14) *A Maria é no Porto.

(15) *A Maria fica no Porto.

Note-se que (15) é gramatical se a entidade denotada por *a Maria* estiver em deslocação e escolher o Porto para aí permanecer, por um período mais ou menos longo (veja-se *A Maria fica no Porto uma noite*).

O uso de *estar* e *ficar* com predicados locativos espaciais é explicável diacronicamente, uma vez que os verbos *estar* (do Lat. Clássico *stare*) e *ficar* (do Lat. clássico *figo*, com infinitivo *figere*, da 3.^a conjugação), apresentam, na sua definição semântica original, a associação a posicionamento (estar na vertical) e espaço (colocar ou fixar algo), respetivamente, ainda que, na evolução do Latim para o Português Europeu (PE), tenham passado por um percurso de extensão semântica (Raposo, 2013).

Por essa razão, poderia, desde logo, colocar-se a hipótese de *estar* ou *ficar* terem nos exemplos em que introduzem expressões locativas espaciais um valor não copulativo. Na literatura sobre estes verbos têm sido dadas respostas distintas sobre a sua natureza:

i) *estar* e *ficar* com expressões locativas não são verbos copulativos / predicativos e são verbos plenos que selecionam argumentos;

ii) *estar* e *ficar* são sempre verbos copulativos / predicativos;

iii) *estar* e *ficar* têm um estatuto duplo (Raposo, 2013) (para uma síntese dos valores atribuídos a *ficar* ver Rebouças 2019, pp. 72-75)

Há, de facto, algumas diferenças sintáticas entre estes verbos quando selecionam predicados adjetivais / participiais e quando selecionam predicados locativos, preposicionais ou adverbiais:



1- Com o verbo *estar*, os SP / advérbios locativos não cliticizam (cf. Camacho, 2012, pp. 471, para o Espanhol), como a agramaticalidade de (17) revela em contraste com a gramaticalidade de (16).

- (16) O cão está contente, mas o gato não o está.
(17) ?? * O cão está na casa, mas o gato não o está.

Contudo, com *ficar*, os resultados em relação a este teste são similares quando selecionam predicados adjetivais / participais e quando selecionam predicados locativos, sendo que em ambos os casos os predicados não cliticizam, pelo que este teste, embora funcione bem com *estar*, não nos diz muito acerca da natureza do verbo *ficar*:

- (18) O cão ficou contente / em casa, mas o gato não ficou.
(19) * O cão ficou contente, mas o gato não o ficou.
(20) * O cão ficou em casa, mas o gato não o ficou.

2- Um SP ou um advérbio locativo pode ser suprimido com *estar* (21), enquanto um predicado não locativo não pode facilmente ser suprimido (22) (Camacho 2012, p. 471, para o Espanhol):

- (21) O Pedro está em casa / cá? / O Pedro está - ?
(22) O Pedro está cansado / doente? / ??* O Pedro está - ?

O mesmo acontece com *ficar*, veja-se (23) e (24) com os mesmos tipos de predicados:

- (23) O Pedro ficou em casa? / O Pedro ficou -? / O Pedro ficou..., não veio?
(24) O Pedro ficou cansado? / *O Pedro ficou - ?

Estas diferenças poderiam sugerir então que a natureza da relação entre *estar* e *ficar* e um predicado locativo e um predicado não locativo é diferente. Camacho (2012, p. 471) para o Espanhol chega mesmo a propor que um predicado locativo se relaciona com *estar* como um adjunto.

Contudo, como afirma Brucart (2012, p. 13), as expressões preposicionais ou adverbiais que se usam com *estar* ou *ficar* podem usar-se como predicados secundários, como nas frases em (25) a (27), o que faz dessas expressões verdadeiros predicados e não complementos ou adjuntos.

- (25) Eu quero a Maria *em casa / aqui* às 11h.
(26) Com a Maria *em casa / aqui*, começaremos a jantar.
(27) Através do Skype estou a ver a Maria *em casa / além*.

Sendo assim, consideraremos, para já, que tais verbos são, em PE e línguas similares, igualmente predicativos, mesmo quando introduzem expressões locativas.

Recorde-se, por um lado, que o verbo *ser* só seleciona predicados locativos se se tratar de uma entidade fixa, com em (28), com uma leitura de predicado de indivíduo.

- (28) A Torre dos Clérigos é no Porto.

Por outro lado, pode selecionar um predicado locativo temporal (29) e (30), com uma interpretação de curta duração ou com delimitação temporal, o que permite dizer que frases do tipo de (29) e (30) exprimem uma situação delimitada e localizada, sobretudo quando o sujeito é um nome de evento, como *manifestação* em (29), ou numa interpretação eventiva, como *teste* em (30) (cf. Grimshaw, 1990).

- (29) A manifestação é às 18h.
(30) O teste é às 18h.



Em síntese, o PE apresenta uma oposição entre *ser* e *estar*, sendo dois verbos copulativos que introduzem, respetivamente, predicados de indivíduo e predicados de estádio ou predicados episódicos; dispõe ainda do verbo *ficar*, tratando-se de um verbo que também seleciona predicados de estádio, quer adjetivais, quer participiais, associado a uma mudança de estado e a um significado resultativo. Os verbos *estar* e *ficar* permitem, ainda, a introdução de predicados locativos espaciais, constituídos por SP tipicamente introduzidos pela preposição *em*.

3. Algumas questões teóricas sobre *ser* e *estar*

Depois desta breve apresentação de propriedades sintáticas e semânticas mais importantes dos verbos *ser*, *estar* e *ficar* em Português, várias questões se levantam:

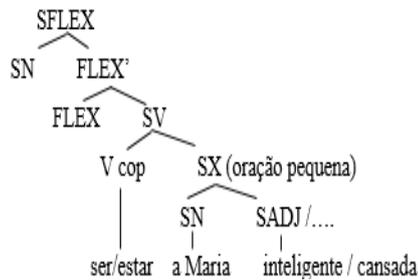
- (i) A distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio, comumente aceite para dar conta de diferenças entre *ser* e *estar*, é uma distinção puramente semântica ou também é sintática? E quanto ao valor resultativo / de mudança de estado de *ficar*?
- (ii) Como deve ser descrita a relação entre verbo copulativo e o predicado que parece selecionar?

Diferentes soluções têm sido propostas para dar conta desta relação.

Desde Stowell (1981), é comumente aceite nos estudos em Sintaxe das LO a proposta de que os verbos copulativos / predicativos selecionam uma “oração pequena”, cujo predicado é diversificado categorialmente e estabelece uma relação com um sujeito, que acaba por subir para a posição de sujeito frásico, por motivos de caso.

Veja-se, por exemplo, em Duarte (2003), a estrutura (31) para *ser* e *estar*.

(31)



Como escreve Brucart (2010), “a vantagem desta análise é que reflete a unidade predicativa entre o sujeito e o atributo [o predicativo], permitindo tratar a concordância entre eles como uma relação estrutural local; por outro lado, trata o verbo copulativo como um verbo inacusativo que seleciona unicamente uma oração reduzida” (p. 130).

Para dar conta da diferença entre *ser* e *estar* em Português, Mateus et al. (1989) e Duarte (2003) propõem que *ser* surge associado a propriedades de indivíduo e *estar* a propriedades temporalmente delimitadas de indivíduo, o que vai ao encontro da distinção atualmente aceite em Linguística entre predicados de indivíduo/permanentes e predicados de estádio/episódicos. No entanto, Inês Duarte mantém a ideia de que ambos os



verbos selecionam “small clauses” semanticamente distintas e com iguais ou diferentes naturezas categoriais: SN, SADJ, SP, SADV⁴.

Várias questões se levantam novamente, entre as quais saber se os verbos copulativos *ser* e *estar* são então “sinónimos” e se a diferença entre eles é devida aos predicados adjetivais / adverbiais / preposicionais que os acompanham. Sobre esta questão tem havido uma resposta de tipo categorial e uma resposta em termos de traços.

i) Soluções categoriais:

Para o PE, Costa (1998), embora adotando a ideia geral da distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio, coloca, desde logo, a hipótese de a “small clause” selecionada por *ser* e *estar* não ser de natureza igual e, portanto, as propriedades de seleção categorial de *ser* e *estar* em PE não seriam iguais. Assim, propõe as propriedades de seleção apresentadas em (32) para mostrar que o V *estar* só é adequado para os predicados interpretados de uma maneira temporalmente restrita (Costa, 1998, p. 151).

(32) Ser: - [sc

Estar: - [TP [sc

Como os predicados de estádio/temporários, segundo Kratzer (1989), estes verbos têm um argumento que é uma variável que deve ser ligada por um operador espacio-temporal, então é T que assegura tal restrição (cf. ainda Enç, 1989, Costa 1998, p.151); quer dizer, *ser* selecionaria apenas uma oração pequena, sem T, *estar* selecionaria uma oração com um domínio temporalizado, TP.

ii) Soluções em termos de traços:

Para o Espanhol, foram propostas várias soluções em termos de traços, quer no quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, quer no quadro do Programa Minimalista, como o caso de: Luján (1981); Fernandez Leboráns (1999); Zagona (2010); Gallego & Uriagereka (2009); Camacho (2012); Brucart (2012), entre muitos outros⁵.

Não podendo neste espaço apresentar todas estas propostas, limitar-nos-emos aqui a apresentar a solução de Zagona e de Brucart para o espanhol.

Para Zagona (2010) a distinção entre *ser* e *estar* é o resultado de um processo sintático, que dá origem à realização (*spell-out*) de um verbo funcional e abstrato SER como *ser* ou *estar*. *Estar* surge com um constituinte locativo, enquanto *ser* é a “else where” cópula. Mais especificamente, *estar* seleciona um traço categorial e um traço preposicional não interpretável que deve ser verificado através de um complemento que tem de ter certas propriedades aspetuais (Zagona refere explicitamente que em línguas como o Espanhol é a preposição *en* o elemento legitimador da presença de *estar* nas construções de tipo locativo).

Assim, a cópula abstrata é realizada como *estar* quando concorda com um traço locativo, em que locativo representa uma categoria abstrata que tanto pode ter uma interpretação espacial como temporal; isto tem como consequência a ideia de que *estar* é sempre o mesmo verbo quer como auxiliar quer precedendo predicados

⁴ Para além de outras questões teóricas, importa sublinhar desde já que há alternativas a esta representação de “small clause”, entre elas a categoria SPred, com uma estrutura interna de acordo com a teoria X-barra; isto é, o seu especificador seria ocupado pelo sujeito da predicação e o núcleo Pred seria ocupado pela expressão predicativa (eventualmente seguido de um complemento, como em *Os políticos são sensíveis a essas questões*). Já den Dikken (2006) propõe que as orações pequenas contêm todas um elemento relacionante (*relator*) que funciona como o núcleo funcional da construção, ela também com um complemento e um especificador.

⁵ Luján (1981) propõe que *ser* seleciona um ADJ [-perfetivo] e *estar* seleciona um ADJ [+perfetivo], em que “um predicado [+perfetivo] designa um período delimitado de tempo cujo início e fim são conhecidos ou assumidos ou pelo menos um deles” e “[-perfetivo] designa um período de tempo não delimitado” (p. 176), sendo estes traços, de acordo com a autora, relacionados com aspeto lexical, mais do que com aspeto situacional. Para Fernandez Leboráns (1999), *estar* seleciona uma transição que tende para um estado final. Camacho (2012), embora concordando com estes autores, no sentido de dizer que a noção de fronteira de uma situação é importante para caracterizar *estar*, enfatiza que *estar* está sobretudo relacionado com a fronteira inicial de um estado e, portanto, propõe que é o traço [+incoativo] que está em causa com *estar*.



adjetivais, participais, preposicionais e adverbiais. Quando combinado com predicado de estádio, o V copulativo combina-se com SAsp e com um Locativo que codifica uma informação temporal (Tempo de Referência); um predicado de indivíduo não pode surgir neste tipo de estrutura. Como escreve Leonetti et al. (2015) a propósito desta proposta, nas línguas que não têm distinção entre *ser* e *estar* os adjetivos são sempre estruturalmente ambíguos (veja-se *John is ill*).

Portanto, para Karen Zagona, a cópula abstrata é realizada como *estar* em função de uma concordância locativa. Essa concordância locativa é possível com PP e ADV locativos (*estar em cima da mesa, estar aqui*) e não com PP e ADV direcionais e que envolvem uma trajetória (assinale-se que em português *A Maria está para Lisboa* não tem sentido direcional, mas locativo). Outra consequência é a dificuldade de combinar *estar* com sujeitos eventivos, porque estes envolvem uma trajetória, pelo que um N de evento só pode ser sujeito de *estar* se tiver um sentido de evento delimitado, como em (33).

(33) A manifestação está na praça (uma fase interna da manifestação)

Em síntese, no tratamento sintático de Zagona (2010), a diferença entre os dois verbos copulativos principais, *ser* e *estar*, não se deve ao significado dos dois verbos, mas sim às propriedades sintáticas e semânticas dos constituintes (funcionais ou lexicais) com os quais se combinam, sendo a diferença entre eles de natureza essencialmente aspetual, ligada a perfetividade e a delimitação.

Num sentido algo distinto, situa-se a proposta de Brucart (2010) e (2012). Inspirado em Gallego & Uriagereka (2009), segundo os quais o verbo *estar* é o resultado da combinação de *ser* com uma preposição abstrata de coincidência terminal (*estar* = *ser* + P_T), influenciados pela proposta de den Dikken (2006), segundo o qual um verbo de cópula seleciona uma relação atributiva R, um *linker* (o que se chama “small clause” ou SPred noutros trabalhos) e que tal elemento é composto derivacionalmente acima da “small clause”, em vp, (em Zagona, 2010, em SAsp, como já indicado acima), Brucart (2012) desenvolve uma análise unitária de *ser* e *estar*, partindo da ideia de que as construções de localização denotam uma trajetória abstrata: enquanto *estar* se deve ao facto de se combinar com um traço interpretável de coincidência terminal, *ser* funciona como cópula por defeito, usando-se também em construções de localização se a noção de trajetória aparecer independentemente incorporada no elemento que se localiza (ver Brucart, 2010, p. 115).

Assim, o verbo *estar* está relacionado com uma preposição de coincidência terminal e o verbo *ser*, normalmente considerado não marcado, é marcado com uma preposição abstrata de coincidência central, de acordo com os seguintes esquemas (Brucart, 2012, p. 18):

(34) [_{VP} *estar* [_{RP} ... R_T...]] *A Maria está cansada.*

(35) [_{VP} *ser* [_{RP} ... R_C...]] *A Maria é inteligente.*

No entanto, Brucart reconhece que tanto *ser* como *estar* podem ter outros valores: *ser* é também combinável com uma relação de coincidência terminal, como descrito em (36), como quando surge combinado com uma expressão que localiza um evento no tempo ou no espaço, como em (37) e (38):

(36) [_{VP} *ser* [_{RP} ... R_T...]]

(37) A manifestação é às 18h.

(38) A manifestação é na praça.

Por poder ser combinado com predicados que exprimem um traço de coincidência terminal, *estar* pode encontrar-se em exemplos, aparentemente distintos, como nos exemplos (39) a (41), como já Zagona (2010) tinha mostrado; mas Brucart distancia-se desta autora ao destacar que a noção de traço de coincidência terminal não está automaticamente ligado à preposição *em*.

(39) A Maria esteve divertida.

(40) A Maria esteve a estudar toda a tarde.



(41) A manifestação está na praça.

Assim, para Brucart (2012), há um traço de coincidência terminal nos três predicados dos exemplos anteriores (*divertida (num tempo x)*, *estudar toda a tarde e na praça*) e isso favorece a interpretação de que a situação em causa é interpretada como delimitada (ver em particular a diferença entre (38), com *ser* e com uma interpretação temporal não delimitada, e (41), com *estar* e com uma interpretação temporal delimitada).

Tudo isto leva José Brucart a considerar que nas línguas com a oposição entre *ser* e *estar*, *ser* é a cópula não marcada e que *estar* é, em geral, um verbo associado a um traço de coincidência terminal T ([i R_T]⁶).

Embora os tratamentos que acabámos de apresentar não sejam coincidentes, os dois aproximam-se no sentido em que o verbo *ser* é o menos marcado dos verbos copulativos, *estar* é um verbo predicativo em qualquer dos seus usos e os verbos *ser* e *estar* são diferentes na medida em que são legitimados por traços distintos dos predicados.

Vamos ver em seguida como se exprimem os valores de *ser* e *estar* em LGP e tentar perceber se alguma das ideias atrás expostas nos ajuda a perceber qual o comportamento destes verbos em línguas gestuais.

4. Os verbos copulativos / predicativos em Língua Gestuais

4.1. Sobre os tipos de verbos nas línguas gestuais

No âmbito sintático, os verbos ditos plenos das línguas gestuais (LG) têm sido organizados em três classes, no seguimento da proposta classificatória de Padden (1988) e reformulada em Padden (1990), para a Língua de Sinais Americana (ASL):

- i) verbos simples (*plain verbs*), sem qualquer marca de concordância, portanto, sem afixos locativos e sem flexão de pessoa e número (como é o caso dos verbos PENSAR, SONHAR, AMAR e ESQUECER, em LGP);
- ii) verbos de concordância (*agreement verbs* ou *inflecting verbs*), com marca de pessoa, número e aspeto, mas sem afixos locativos (por exemplo, os verbos DAR, DIZER e OFERECER, em LGP);
- iii) verbos espaciais (*spatial verbs*), classe de verbos sem flexão em pessoa, número e aspeto, mas que aceitam afixos locativos, *Locus* espaciais inseridos no espaço sintático (como, por exemplo, os verbos PÔR, IR e VIR, em LGP) (Padden, 1990, p. 119).

Várias questões se levantam no âmbito da classificação sintática destes três tipos de verbos nas línguas gestuais, entre elas o tipo de concordância e os processos ou recursos que a realizam e as funções e propriedades do parâmetro movimento.

Em várias LG têm já sido estudados outros tipos de verbos, como sejam os auxiliares (Steinbach, 2005; Steinbach & Pfau, 2007; Quadros & Quer, 2006, para a Língua de Sinais Americana, ASL, a Língua de Sinais Catalã, SLC, e a Língua de Sinais Brasileira, LSB ou LIBRAS) e os verbos copulativos (Herrero-Blanco & Salazar-García, 2005, para a Língua de Sinais Espanhola, LSE; Jantunen, 2007, para a Língua de Sinais Finlandesa, LinSF; Zwitterlood, 2003, para a Língua de Sinais Neerlandesa, SLN; Veloso, 2008, para a

⁶ Repare-se que a preposição locativa *em* também pode combinar-se com verbos como *entrar*, como em (i):

(i) A Maria entrou em casa.

O que leva Brucart a afirmar que *em* também pode exprimir um traço de coincidência terminal desde que o V que seleciona um tal complemento tenha em si mesmo um valor de percurso direcional, que é o caso de *entrar* (cf. Gherke, 2007, Brucart, 2012, p. 22).



LIBRAS). No entanto, são ainda discutíveis a existência e o funcionamento destes tipos de verbos em muitas LG, como é o caso da LGP.

4.2. Metodologia, breve apresentação de dados e primeiras análises de dois estudos na Língua Gestual Portuguesa

Do contacto com gestuantes surdos, percebemos, ao longo de vários anos, que a produção de verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, entre outros, se rege por regras distintas das dos verbos plenos e, por exemplo, os exemplos em (42) e (43) apresentavam uma grande diferença na realização verbal: nas produções de (42), o verbo é realizado lexicalmente e nos exemplos em (43) não se realiza verbo na LGP.

- (42) a) A Coca-Cola está no frigorífico.
b) Estou na faculdade agora.
- (43) a) Estou doente.
b) Estou triste.

Para confirmar esta nossa primeira intuição, realizámos dois tipos de recolha de dados, que aqui organizámos como Estudo I e Estudo II.

Estudo I

Em 2015, uma vez que se desconhecia qualquer estudo para a LGP acerca dos verbos copulativos, realizou-se uma pequena experiência para recolha de produções com estes verbos⁷.

A amostra foi constituída por 25 produções em LGP, produzidas por 4 informantes surdos (com a LGP como L1) e de 1 informante ouvinte (com a LGP como L2/LE). O instrumento de recolha de dados e o procedimento foi o seguinte: fornecemos aos informantes estímulos visuais verbais como as apresentadas em (44), sendo um conjunto de frases simples em LP, maioritariamente declarativas, escritas. As produções em LGP foram gravadas em vídeo e transcritas em GLOSA, para análise sintática.

(44) Exemplos de frases-estímulo

- Os meus filhos estão na escola.
Ontem, eu fiquei em casa.
Eles ficaram em Lisboa.
O bebé está com medo.
Hoje, a Joana está bonita.
A senhora ficou em pânico.
A senhora ficou pálida.
O atleta está cansado.

Como veremos, tanto as frases-estímulo como as frases recolhidas em LGP foram frases simples, maioritariamente declarativas, alternando o presente e o pretérito perfeito simples, de modo a perceber os diferentes gestos realizados para estes verbos, avaliar as formas de realização e alguns dos aspetos sintáticos e semânticos das construções.

A análise dos dados permitiu-nos verificar que existe um funcionamento distinto dos versos atendendo ao uso locativo ou ao uso predicativo:

- A) USO LOCATIVO: em frases com interpretação locativa, como nos exemplos em (45), os gestuantes realizaram linguisticamente uma forma verbal.

⁷Estudo preliminar elaborado por Choupina *et al.* (2015).



- (45) a) FILHO MEU DOIS ESCOLA ESTAR_{CM (M Aberta)} [LGP] (inf. 3)
'Os meus filhos estão na escola'
- b) ONTEM CASA EU FICAR_{CM (F)CASA} [LGP] (inf.3)
'Ontem, eu fiquei em casa'
- c) ELES FICAR_{CM (F) LISBOA} [LGP] (inf.3)
'Eles ficaram em Lisboa'

Todos os informantes realizaram linguisticamente os verbos destas frases, ainda que com formas gestuais distintas e em posições diferentes na frase.

- B) USO PREDICATIVO, com predicados de estádio não locativo: em frases com predicados de estádio não locativo, as produções gestuais apresentavam cópula vazia, sendo apenas gestualizado o sujeito e o chamado “predicativo do sujeito”, como podemos observar pelos exemplos em (46).

- (46)a) BEBÉ MEDO [LGP] (inf. 2)
'O bebé está com medo'
- b) SENHOR^JOGO CANSADO [LGP] (inf.5)
'O atleta está cansado'
- c) J-O-A-N-A BONITA HOJE [LGP] (inf.1)
'Hoje, a Joana está bonita'

Neste tipo de estruturas, no geral das 25 produções, em 84% foi registada cópula vazia. No entanto, 4 produções realizaram uma forma de ESTAR, a que voltaremos mais adiante.

Em frases com predicados de estádio não locativos e interpretação resultativa (que, em PE, equivaleriam a *ficar*), o predicado parece poder apresentar igualmente cópula vazia, pois 65% das produções não apresentaram verbo, como em (47).

- (47)a) MEDO RAPAZ [LGP] (inf. 3)
'O rapaz ficou com medo'
- b) MULHER^SENHOR SUOR [LGP] (inf. 2)
'A senhora ficou em pânico'

Assim, a partir da recolha realizada com estes cinco gestuantes em 2015, pudemos, desde logo, tirar as seguintes conclusões: i) nos usos com interpretação locativa, existe gesto correspondente ao verbo, realizado num ponto específico no Espaço Sintático; ii) com predicados de estádio não locativo ou com uma interpretação de mudança de estado, houve 84% de produções com cópula vazia.

De forma a confirmar estes resultados, mais recentemente desenvolveu-se um segundo estudo, a partir de produções dicionarizadas.

Estudo II

As produções analisadas neste segundo estudo foram recolhidas a partir de pesquisa no Dicionário de LG multilingue online *Spread the Sign* (<https://www.spreadthesign.com/pt/>); além do alfabeto datilológico e de palavras isoladas, este dicionário apresenta frases e minitextos, o que nos permite contextualizar os elementos gestuais.



As frases coletadas em LGP são frases simples, declarativas(maioritariamente). Foram recolhidas com base na possibilidade de produção de verbos que em português corresponderiam a *estar, ficar, ser, parecer...* E o objetivo foi o mesmo da experiência de 2015: i) verificar se o verbo é realizado ou há cópula vazia; ii) confirmar se as condições de realização lexical/cópula vazia podem estar associadas à interpretação locativa versus interpretação não locativa. Vejamos, nesta observação, o que as produções dicionarizadas nos mostraram.

A. COM PREDICADOS DE ESTÁDIO

INTERPRETAÇÃO LOCATIVA: nas seis frases observadas com ESTAR, é sempre realizada uma forma verbal correspondente ao verbo (CM INDICAR ou MÃO ABERTA), com realização simultânea de CNM + Loci (INDICAR+ LÁ-LÁ)⁸, como se ilustra nas Figura 1 e 2, respetivamente para o verbo ESTAR e para o Loci+ LÁ-LÁ que o segue normalmente, e nos exemplos de (48)⁹.



Figura 1: verbo ESTAR (Fonte: Spread the Sign, <https://www.spreadthesign.com/pt/>)



Figura 2: Loci (INDICAR) com simultaneidade de CNM (LÁ+LÁ) (Fonte: Spread the Sign, <https://www.spreadthesign.com/pt/>)

- (48) a) COCA-COLA FRIGORÍFICO ESTAR ^{_____CNM_lá-lá} Loci
 ‘a Coca-Cola está no frigorífico’
- b) ESPOSA [MULHER_CASAMENTO] MEU HOSPITAL ESTAR ^{_____CNM_lá-lá} Loci
 ‘a minha esposa está no hospital’
- c) DUAS SEMANAS DEITAR CAMA IX_{1ps} ESTAR ^{_____CNM_lá-lá} Loci
 ‘eu estive na cama durante duas semanas’

⁸ Configuração da Mão (CM) INDICAR (Configuração da Mão com o indicador em extensão máxima e os restantes dedos compactos com a palma da mão) ou MÃO ABERTA (Configuração da Mão com os cinco dedos em extensão máxima, sem contacto lateral e com a palma da mão) + Componente Não Manual + Locus de lugar (Loci).

⁹ Todos os exemplos podem ser observados no Dicionário Spread the Sign, <https://www.spreadthesign.com/pt/>.



Para FICAR com interpretação locativa, valor locativo espacial ou temporalmente delimitado, também é realizado lexicalmente um gesto correspondente ao verbo *ficar* ou *estar* no PE, com as mesmas produções gestuais que foram encontradas nos exemplos do primeiro estudo (45), confirmando as ilações decorrentes desse primeiro estudo: quando há uma interpretação locativa o verbo é realizado lexicalmente, com uma de duas variantes (com CM em “F”, Figura 3, ou em “MÃO ABERTA”, como na Figura 4). Vejam-se os exemplos em (49), com frases declarativas e interrogativas cujo verbo foi realizado por um destes dois gestos, FICAR como na Figura 3 em (49a) e FICAR como na Figura 4 em (49b).

- (49)a) DORMIR FICAR NOITES_{redobro} TRÊS
‘vou ficar por três noites’
- _____wh
b) TU FICAR NOITES_{redobro}
‘Quanto tempo vais ficar aqui?’



Figura 3: gesto para o verbo FICAR CM em “F” com interpretação locativa (Fonte: Spread the Sign, <https://www.spreadthesign.com/pt/>)



Figura 4: gesto para verbo FICAR CM em “MÃO ABERTA” com interpretação locativa (Fonte: Spread the Sign, <https://www.spreadthesign.com/pt/>)

INTERPRETAÇÃO NÃO LOCATIVA: nas 26 frases encontradas, em 25 não foi realizado lexicalmente nenhum verbo, como se verifica pelos exemplos em (50) e (51), no que em PE seria de esperar verbos como *estar* e *ficar*, respetivamente.

- (50)a) IX_{1ps}DOENTE
‘estou doente’
- b) HOJE DIA LINDO
‘hoje está um dia lindo’
- c) ELEVADOR PRESO
‘o elevador está preso’
- d) COMIDA PALADAR PERFEITO
‘a comida está deliciosa’
- (51) PÁLIDO
‘ficar pálido’



O mesmo aconteceu no que em PE seria o verbo *ficar* com uma interpretação de mudança de estado ou estado resultativo, como em (52), na LGP não é realizado verbo:

(52) CARRO ACIDENTE FERIR
'ele ficou ferido num acidente de carro'

Em frases que poderiam corresponder a *estar*, em PE, com um predicado episódico, foram realizados outros verbos, um verbo pleno, como no exemplo (53).

(53) FALAR VOZ ROUCO
'estou um pouco rouco'

B. COM PREDICADOS DE INDIVÍDUO

Nas 35 produções encontradas para predicados de indivíduo, não é produzido verbo, como se ilustra nos exemplos (54).

- (54) a) GALLAUDET PRIMEIRO UNIVERSIDADE PESSOAS SURDO PRÓPRIO
'(Universidade de) Gallaudet foi a primeira universidade para pessoas Surdas'
b) IX_{3ps}PADRE JÁ
'ele já foi padre'
c) HOMEMIX_{3ps}PARVO
'o homem é parvo'
d) BEBÉ BONITO ESTE
'o bebé é bonito'
e) TIGRE ANIMAL PERIGO
'o tigre é um animal perigoso/os tigres são animais perigosos'

No entanto, em exemplos que traduziríamos por 'eu sou solteiro' e 'eu não sou surdo' foi realizado lexicalmente um gesto que poderia corresponder a SOU (exemplo (55) e Figura 5) e NÃO_SER (exemplo (56) e Figura 6).

(55) _____CNM
SOLTEIRO SOU
'[eu] sou solteiro'



Figura 5: gesto "SOU" na frase "SOLTEIRO SOU" (Fonte: <https://www.spreadthesien.com/pt/>)



Figura 6: gesto "NÃO_SER" (Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt/>)



(56)a) SURDO IX I ps NÃO SER^{CNM}
'eu não sou surdo'

b) CAUSA MINHA NÃO SER^{CNM}
'não é culpa minha'

Em síntese, pela análise dos dados recolhidos neste segundo estudo, confirmámos a não realização de cópula em produções com interpretação predicativa (seja com leitura de estádio, seja com leitura de indivíduo desde que a interpretação seja não locativa); pelo contrário, há realização de verbo em LGP com ESTAR e FICAREm usos locativos. ESTAR, em geral, através da realização simultânea de um Loci, com CNM do tipo de LÁ-LÁ.

5. Algumas questões teóricas com construções predicativas em várias Línguas Gestuais e Oraís

Neste momento, as questões que se colocam são então as seguintes: i) Em que medida os dados encontrados na LGP se assemelham ou diferenciam de outras línguas de sinais?; ii) Em que medida encontramos na LGP semelhanças e diferenças em relação às LO?; iii) As diferenças encontradas na LGP permitem-nos dizer que estamos perante os mesmos verbos com dois valores (predicativos não locativos versus predicativos locativos), ou estamos perante verbos distintos: um copulativo, que pode ser sintaticamente nulo (como em certas línguas orais), e outro pleno, que se realiza explicitamente e tem a capacidade de selecionar argumentos ou quase-argumentos?

Façamos para já uma breve comparação com outras LG.

Na Língua de Sinais Espanhola (LSE), Herrero-Blanco & Salazar-García (2005) assinalam a existência de vários tipos de construções predicativas não verbais, tendo notado que em construções do tipo (57) não se realiza cópula de suporte (Herrero-Blanco & Salazar-García, 2005, p. 288).

(57)a) 3.sg MYFRIEND¹⁰
'{ele/ela} é meu/minha amigo/a'
b) CAT ANIMAL
'um gato é um animal'

No entanto, ainda que não se realize lexicalmente um verbo em construções com interpretação locativa, é também notado o uso de um gesto deítico com menção locativa não referencial 'THERE(i)' ('lá'), ao que nos parece semelhante ao denominado Loci+CNM (lá-lá) na LGP, como se verificou nos exemplos (48) para a LGP e se ilustra nos exemplos em (58) para a LSE, citados de Herrero-Blanco & Salazar-García (2005, p. 300).

(58)a) MY FRIEND ALICANTE THERE(i)
'o meu amigo está em Alicante'
b) CAR GARAGE THERE(i)
'o carro está na garagem'
c) MEETING OFFICE THERE(i)
'a reunião é no escritório'

¹⁰ Manteremos os exemplos em Inglês, como no original.



Este deítico, marcado como ‘indirect deixis’ (i) e que os autores caracterizam como não referencial, é realizado com o dedo indicador da mão dominante num movimento diagonal do lado dominante para o não dominante, terminando num ponto longe do corpo (Herrero-Blanco & Salazar-García, 2005, p. 299). O típico gesto deítico indireto, mesmo sem uma função referencial identificável, deve seguir, na LSE, o predicado, quer com entidades humanas (58a) ou não humanas (58b), quer com eventos (58c). Tal deítico indireto contrasta com o deítico direto (d), como no exemplo (59), mas no qual também não se realiza verbo copulativo.

(59) MY BOOK HERE (d)
 ‘o meu livro está aqui’

Para os autores, o gesto deítico indireto THERE(i) atua como uma cópula, sendo que não coocorre com verbos que incorporam em sua predicação um termo com função semântica de locativo (seja no significado lexical verbal, seja numa preposição). Veja-se a agramaticalidade de (60a) em contraste com a agramaticalidade de (60b, c).

(60)a) MY FRIEND GARAGE THERE(i)
 ‘o meu amigo está na garagem’
 b) MY FRIEND GARAGE STAY *THERE(i)
 ‘o meu amigo fica na garagem (*lá)’
 c) MY FRIEND GARAGE WORK *THERE(i)
 ‘o meu amigo trabalha na garagem (*lá)’

As diferenças entre THERE(i) e STAY estão no valor de aspeto, considerando, assim, que STAY (‘ficar’) não é um verbo semanticamente vazio, uma vez que “indica, pelo menos, ser marcado com *Aktionsart* de significado contínuo” (Herrero-Blanco & Salazar-García, 2005, p. 301). Desta forma, produções como (61a) e (61b) não são sinónimas e, para os autores, STAY (‘ficar’) constitui um verdadeiro predicado e não uma cópula, enquanto THERE(i) constitui a cópula; portanto, não estaremos perante o verbo *estar* em Espanhol ou *be* (‘ser’) em Inglês.

(61)a) MY FRIEND GARAGE THERE(i)
 ‘o meu amigo está na garagem’
 b) MY FRIEND GARAGE STAY
 ‘o meu amigo fica na garagem’

Este gesto THERE(i) parece equivalente ao Loci + CNM (Lá-Lá) da LGP, mas a LGP acumula verbo realizado e este deítico não referencial, quando, ao que parece, é um Loci afastado do espaço da enunciação, mesmo que o argumento sujeito integre determinantes possessivos (48b) ou marca de 1.^a ps (48c). Por outro lado, quando o Loci é o espaço da enunciação, parece não haver coocorrência entre verbo e + Lá-Lá, sendo que a opção verbal recai na realização do gesto perto do corpo do gestuante, com um dos gestos FICAR (Figura 3 e 4).

A Língua de Sinais Americana (ASL) não tem verbo de cópula, quer seja um predicado de indivíduo, como em (65), quer seja de estádio, como em ‘o meu cabelo está molhado’. Aarons (1994), ao abordar vários contextos de eclipse, supressão verbal e cópula vazia, na sequência de Liddell (1980), ressalta que a Componente Não Manual ‘hn’ (de ‘headnot’, aceno de cabeça) é obrigatória em contextos em que um V foi suprimido e em construções de cópula nulas como em (62).

_____hn
 (62) JOHN DOCTOR
 ‘John é doutor.’



Na Língua de Sinais Brasileira (LSB ou LIBRAS) as produções são semelhantes à LGP no que toca a frases com predicados de estádio e predicados de indivíduo não locativos, pois nessas circunstâncias a cópula é nula, como mostram os exemplos (63), citados de Veloso (2008, p. 122).

- (63)a) MARIA PROFESSORA
‘Maria é/ era professora’
- b) HOJE MUITO QUENTE
‘hoje está muito quente’
- c) LIVRO VELHO
‘o livro é/ está velho’

Contudo, com predicados locativos, os dados não parecem ser semelhantes aos da LGP. De acordo com exemplos analisados por Veloso (2008, p. 123), a cópula é também nula com um predicado locativo como *em casa* (64a) e *na mesa* (64b).

- (64)a) MULHER CASA
‘a mulher está em casa.’
- b) LIVRO MESA
‘o livro está na mesa’

A autora não deixa, no entanto, de problematizar estas construções locativas. Com efeito, e citando-a, “existe um verbo que é normalmente traduzido como ‘estar’ locativo pelos surdos oralizados, apesar de afirmarem que não é necessária a sua utilização, pois o sentido é compreensível sem esse elemento” (Veloso, 2008, p. 124). Para ilustrar este verbo, Veloso (2008) socorre-se da ilustração do gesto ESTAR (aqui reproduzido na Figura 7), cuja fonte é Quadros & Karnopp (2004, pp. 183,184) numa frase como (65).

- (65) MULHER <BICICLETA CAIR>r ESTAR HOSPITAL (Quadros & Karnopp, 2004, p. 183)
‘a mulher que caiu da bicicleta está no hospital’



Figura 7: gesto *ESTAR* (Fonte: Quadros & Karnopp, 2004, pp. 123, 124; reproduzido por Veloso, 2008, p. 124).

De acordo com a mesma autora, há um outro gesto para ‘estar’, atestado pelo dicionário de Lira & Souza (2006), mas que na sua pesquisa foi registado com o sentido de ‘ficar’ (reproduzido na Figura 8), ou seja, “a interpretação do verbo tem um carácter mais permanente que transitório” (Veloso, 2008, p. 125).





Figura 8: gesto *ESTAR* (Fonte: Lira & Souza, 2006; reproduzido por Veloso, 2008, p. 125).

Ainda na LIBRAS, há, ainda, um verbo que pode corresponder a ‘ser’ e que é utilizado num contexto enfático: num contexto em “que um surdo (A) pede a outro surdo (B) que pegue um livro na estante. B vai apontando os livros e A sinaliza NÃO, NÃO, NÃO para os livros apontados. Quando B aponta o livro certo, A sinaliza o enfático, que pode ser interpretado como ‘é esse’ (Veloso, 2008, p. 125). Este verbo enfático da LIBRAS poderá aproximar-se do gesto para SER enfático que também encontramos nas nossas produções em LGP, para SOLTEIRO SOU / SURDO/CULPA MINHA NÃO_SER, exemplos (58) e (59), respetivamente.

Embora possa haver alguma variação, os dados de LIBRAS mostram semelhança entre frases copulativas com predicados não locativos e frases com predicados locativos, no sentido em que a cópula nos dois casos é nula. Não há verbo correspondente ao verbo ‘ser’, mas pode haver um gesto para o SER enfático, exatamente como tínhamos encontrado em LGP.

Interessa agora lembrar algumas LO, que, como as LG, não exprimem o verbo copulativo em certas condições.

O Russo é bastante interessante neste âmbito, pois é uma língua com casos, uma língua em que os valores aspetuais e temporais das formas verbais têm várias consequências para a sintaxe das frases e em que o verbo copulativo pode, ou não, realizar-se de acordo com certas condições. Assim, o Russo não realiza a cópula com predicados adjetivais, participiais ou locativos, como em (66), desde que a frase tenha valor de presente (Antipova, c.p.)¹¹.

(66)a) kniga na stole
 livro sobre mesa
 ‘o livro está sobre a mesa’

b) Ivan veselyj
 Ivan alegre
 ‘o Ivan está / é alegre’

No entanto, realiza geralmente cópula com valor de passado ou futuro (67):

(67)a) Ivan bylveselyj
 Ivan (m sg nom) esteve alegre (m sg nom)
 ‘O Ivan esteve alegre’

¹¹ Agradecemos a Darya Antipova, estudante da FLUP, alguns dos dados do Russo.



- b) kniga bylana stole.
livro NOM. estava sobre mesa LOC
o livro esta sobre a mesa
'O livro esteve sobre a mesa'
- c) knigabudyt na stole
O livro estará / vai estar na mesa

Embora os dados sejam bem mais complexos do que esta apresentação mostra, importa reter que certas línguas ditas de cópula nula, como o Russo, apresentam, na realidade, expressão verbal em certas circunstâncias e, por essa razão, tem sido proposto nas últimas décadas que nessas línguas existe uma sintaxe verbal fina e hierarquizada como noutras línguas orais (ver e.o. Karpacheva, 1999).

Vale a pena então voltar aos estudos sobre *ser* e *estar* de vários autores, em particular Zagona e Brucart. De Zagona (2010) e de Brucart (2012) reteremos a ideia de que o tratamento dos verbos predicativos deve ser geral e unitário: *ser* é a cópula não marcada e *estar* é a cópula marcada, só se justificando em função de uma concordância com um traço do constituinte selecionado, que em Zagona é aspetual e temporal e que em Brucart é um traço de coincidência terminal ligado à noção de trajetória.

À primeira vista, o tratamento de Brucart (2012) não seria aplicável às LG, pelo facto de o seu modelo partir de LO com preposições e com a oposição *ser / estar*. Na realidade, as LG têm poucas preposições e em muitos contextos manifestam cópula vazia, como vimos acima. Vimos, contudo, que Brucart desenvolve uma proposta segundo a qual o verbo *estar* está, em geral, relacionado com um traço que exprime coincidência terminal (e que não necessita de ser expresso por uma preposição) e o verbo *ser*, normalmente, considerado não marcado, é marcado com uma preposição abstrata de coincidência central.

Por sua vez, não é óbvia a estrutura sintática das construções em LG, e alguns autores pensam que as questões de tipo informacional são mais importantes do que as noções categoriais (lexicais e funcionais) que estamos habituados a propor para as LO, embora, desenvolvendo outros estudos para LG, Brito e Choupina (2018) tenham já proposto estruturas sintáticas hierarquizadas para a LGP, não deixando de notar, contudo, a importância das noções discursivas de Tópico e Foco.

O que vimos foi que na LGP o verbo copulativo não se realiza lexicalmente quando este seleciona um predicado não locativo, quer exprimindo um traço de coincidência terminal, como em (50a), aqui retomado em (68), ou central como em (54), retomado em (69). Quer dizer, tanto em LGP como em LIBRAS, em qualquer dos contextos a cópula é nula.

(68) IX1ps DOENTE
'estou doente'

(69) GALLAUDET PRIMEIRO UNIVERSIDADE PESSOAS SURDO PRÓPRIO
'(Universidade de) Gallaudet foi a primeira universidade para pessoas Surdas.'

Vejamos agora o valor explicitamente locativo, que retomamos em (70).

(70)a) COCA-COLA FRIGORÍFICO ESTAR Loci
'a Coca-Cola está no frigorífico'

Na LGP, há verbos copulativos com valor locativo, ESTAR seguido de um Loci com simultaneidade de Componente Não Manual (LÁ-LÁ), e FICAR. Interessante é notar que o gesto que segue o verbo ESTAR, que identificamos como Loci, se comporta como o gesto deítico com menção locativa não referencial identificado por Herrero-Blanco & Salazar-García (2005) para a LSE, um deítico indireto, 'THERE(i)'; no entanto, nesta LG a cópula continua a ser nula mesmo nestes contextos, sendo 'THERE(i)' que legitima a interpretação locativa.



Interpretando todos estes dados, parece-nos pertinente e justificado assumir que há um verbo copulativo em LGP, que exprime um valor de coincidência terminal, como quando o predicado é locativo.

Se em LIBRAS e na ASL se pode propor uma cópula nula, em LGP e na LSE a cópula é realizada, por verbo +Loci+ CNM (Lá-Lá) na LGP e por ‘THERE(i)’ na LSE.

Algumas conclusões

Neste texto procurámos analisar os verbos predicativos em LGP, tendo começado por estudar brevemente os verbos copulativos nas LO, em particular em línguas, como o português e o espanhol, que têm a oposição *ser / estar*, usados, respetivamente com predicados de indivíduo e predicados de estádio. Vimos que o V *estar* tanto se pode combinar com predicados adjetivais como locativos mas que o seu valor predicativo não parece ser posto em causa; por isso procurámos um tratamento homogéneo para os dois usos de *estar*.

Assim, assumimos, tal como em Brucart (2012), que o verbo *estar* está relacionado com uma preposição de coincidência terminal e o verbo *ser*, normalmente considerado não marcado, é marcado com uma preposição abstrata de coincidência central, de acordo com os seguintes esquemas (Brucart, 2012, p. 18):

(71) [vp estar [RP ... RT....]] *A Maria está cansada.*

(72) [vpser [RP ... RC....]] *A Maria é inteligente.*

Em LGP e noutras LG o V de cópula é em geral nulo quer com predicados adjetivais de indivíduo quer com predicados adjetivais de estádio.

No entanto, com predicados locativos a situação não é assim, pois nas construções com sentido locativo espacial a LGP usa um gesto. A análise de algumas produções permitiu concluir que, na LGP, há verbos copulativos com valor locativo, isto é, ESTAR seguido de um Loci com simultaneidade de Componente Não Manual (lá-lá), e FICAR, tendo-se encontrado algumas paralelismos com a LSE, em que existe um gesto deíctico com menção locativa não referencial; no entanto, na LSE a cópula continua a ser nula mesmo nestes contextos, sendo ‘THERE(i)’ que legitima a interpretação locativa.

Interpretando todos estes dados, parece-nos pertinente e justificado assumir que há um verbo copulativo em LGP, que exprime um valor de coincidência terminal, como quando o predicado é locativo.

Encontrámos ainda algumas realizações de SER / NÃO SER a introduzir predicados de indivíduo / permanentes (SER / NÃO SER Surdo), indicando que neste caso é o foco da predicação e não a natureza do predicado o fator determinante, o que abre novas possibilidades de investigação futuras. A análise de dados da LGP recolhidos em *corpora* espontâneos será enriquecida e poderemos descrever e conhecer esta LG de forma mais natural.

Referências:

- Aarons, D. (1994) *Aspects of the Syntax of American Sign Language*. PhD dissertation, Boston University.
Disponível em https://www.researchgate.net/publication/33796361_Aspects_of_the_Syntax_of_American_Sign_Language.
- Amaral, M. A.; Coutinho, A. & Martins, M. R. D. (1994) *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Benveniste, É. (1966) La phrase nominale. In Benveniste, Émile (ed.), *Problèmes de linguistique générale*, pp. 151-167. Paris: Gallimard.
- Brito, A. M., & Choupina, C. M. (2018). Verbs of inherently directed motion in two different modality languages, European Portuguese and LGP: some typological reflections. In A. Leal (Ed.). *Verbs, movement and prepositions*. Porto: FLUP/CLUP, 151-154. ISBN: 978-989-54104-5-3.



- Brucart, J. M. (2010) La alternancia *ser/estar* y las construcciones atributivas de localización. In A. Avellana (Ed.). *Actas del V Encuentro de Gramática Generativa*. Neuquén: Editorial Universitaria del Comahue, pp. 115-152.
- Brucart, J. M. (2012) Copular alternation in Spanish and Catalan attributive sentences. *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*. Vol. 7 (9 – 43).
- Camacho, J. (2012) Ser and estar: the individual/Stage-level distinction and aspectual predication. In J. I. Hualde, A. Olarrea & E. O'Rourke (Eds.). *The Handbook of Hispanic Linguistics*. Malden: Wiley-Blackwell, pp. 453-477.
- Capovilla, F. C. & Raphael, W. D. (2001) *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe da Língua de Sinais Brasileira*. 2v. São Paulo: EDUSP. Citado por Veloso, 2008.
- Carlson, G (1977) *Reference to kinds*, PhD. Mass. Amherst.
- Choupina, C. et al. (2015) ESTAR e FICAR na Língua Gestual Portuguesa: entre verbos copulativos e verbos principais. In *1. as Jornadas de Morfossintaxe da LGP e de outras Línguas de Sinais. Livro de resumos*. 26 e 27 de novembro de 2015, Porto: FLUP e ESE. Poster.
- Costa, J. (1998) L'opposition *ser / estar* en Portugais. In Rouveret, A. (1998) *Être et avoir. Syntaxe, Sémantique, typologie*. P.U.V, pp. 139-153.
- den Dikken, M. (2006) *Relators and Linkers. The Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas*. Cambridge: MIT Press.
- den Dikken, M. (2007) Specificational Copular Sentences and Pseudoclefts. In M. Everaert & Henk C. Van Riemsdijk (Eds.). *The Blackwell Companion to Syntax, 2nd edition* (pp.292 – 409). DOI: 10.1002/9780470996591.ch61
- den Dikken, M., & O'Neill, T. (2017) Copular Constructions in Syntax. In Mark Aronoff (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. Oxford: Oxford University. Doi: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.137
- Duarte, I. (2003) Frases copulativas. In Mateus, M. H. et al. (2003). *Gramática de Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. Cap. 13.4, pp. 538-548.
- Enç, M. (1989) Pronouns, licensing and binding. *Natural Language and Linguistic Theory*, 7, pp. 51-92.
- Fernandez Leborans, M. J. (1999). La predicación : las oraciones copulativas. In I. Bosque & V. Demonte (Eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid : EspasaCalpe, pp. 2357-2460.
- Gallego, Á. & Uriagereka, J. (2009) “*Estar = Ser + P*”. Paper presented at the XIX Colloquium on Generative Grammar, Vitoria, University of the Basque Country. Disponível em http://filcat.uab.cat/clt/membres/professors/gallego/pdf/GALUR_Vitoria2.0.pdf
- Gehrke, B. (2007) Putting Path in Place. In E. Puig-Waldmüller (Ed.). *Proceedings of Sinn und Bedeutung, 11*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, pp. 244-260.
- Grimshaw, J. (1990) *Argument structure*. Cambridge: MIT Press.
- Herrero-Blanco, Á. & Salazar-García, V. (2005) Non-verbal predicability and copula support rule in Spanish Sign Language. In C. de Groot & K. Hengeveld (eds.), *Morphosyntactic Expression in Functional Grammar*, pp. 281-315. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Jantunen, T. (2007) The equative sentence in FinSL. *Sign Language & Linguistics* 10:2, 113–143. Também disponível em <https://www.quora.com/Is-there-any-natural-language-that-lacks-a-copula>
- Karpacheva, O. (1999) The case of Russian predicate adjectives (Unpublished master's thesis). University of Calgary, Calgary, AB. doi:10.11575/PRISM/19077. Disponível em <https://prism.ucalgary.ca/bitstream/handle/1880/25107/47951Karpacheva.pdf;jsessionid=F287EC227C8EE299D3AB12D075010EC?sequence=1>



- Kratzer, A. (1989) An Investigation of the Lumps of Thought. *Linguistics and Philosophy*12(5):607-653.
DOI: 10.1007/BF00627775. Disponível em
https://www.researchgate.net/publication/226169848_An_Investigation_of_the_Lumps_of_Thought
- Leonetti, M. et al. (2015) Ser and estar: Outstanding questions. In I. Pérez-Jiménez, M. Leonetti & S. Gumiel-Molina (Eds.). *New Perspectives on the Study of Ser and Estar*, Amstrdam: John Benjamins, pp. 1–20.
- Liddell, S. (1980) *American Sign Language Syntax*. The Hague: Mouton.
- Lira, G. A. & Souza, T. A. F. (2008) *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro, 2006. Citado por Veloso.
- Luján, M. (1981) The Spanish copulas as aspectual indicators. *Lingua* 54, pp. 165-210.
- MacLaughlin, D. (1997) *The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language*. Doctoral dissertation, Boston University, Boston, MA.
- Mateus, M. H. et al (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Milsark, G. (1977) Towards an explanation of certain peculiarities of the existential construction in English. *Linguistic Analysis* 3, pp. 1–29.
- Moro, A. (1997) The Raising of Predicates: Predicative Noun Phrases and the Theory of Clause Structure. *Cambridge Studies in Linguistics*, Volume 80, ISSN 0068-676X. Publisher, Cambridge University Press.
- Padden, C. (1990) The relation between space and grammar in ASL verb morphology. *Sign language research – theoretical issues*. New York: Garland, pp. 118-132.
- Padden, C. A. (1988) *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. New York: Garland Publishing.
- Quadros, R. & Quer, J. (2006) Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais. In R. M. Quadros & M. L. B. Vasconcellos (Orgs.). *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Florianópolis/Brasil: Arara Azul, pp. 65- 81.
- Raposo, E. P. (2013) Orações copulativas e predicacões secundárias. In P. Raposo et al. (Coord.). *Gramática do Português*. Lisboa: FCG, pp.1285-1356.
- Rouveret, A. (1998) Points du vu sur le verb être. In Alain Rouveret (dir.). *Être et Avoir, Syntaxe, sémantique, typologie*, Vincennes: Press Universitaires de Vincennes, pp.11-67.
- Stassen, L. (2013) Zero Copula for Predicate Nominals. In M.S. Dryer & M. Haspelmath (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info/chapter/120>, Accessed on 2018-02-15.)
- Steinbach, M. & Pfau, R. (2007) Grammaticalization of auxiliaries in sign languages. In P. Perniss, M. Steinbach & R. Pfau (Orgs.). *Visible variation: Cross-linguistic studies on sign language structure*. Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 303-339.
- Steinbach, M. (2005) What do agreement auxiliaries reveal about the syntax of sign language agreement? In *Signa Volant*, Milano.
- Stowell, T. (1981) *Origins of phrase structure*, PhD Diss., MIT.
- Zagona, K. (2010) Ser and Estar: Phrase structure and aspect. In C. Nishida and C. Russi (Eds.). *Selected Proceedings of Chronos 8 Cahiers Chronos*, pp. 303–327. Amsterdam: Rodopi.
- Zwitserslood, I. (2003) *Classifying Hand Configurations in Nederlandse Gebarentaal (Sign Language of the Netherlands)*. Utrecht: LOT.

